

IMIGRAÇÃO PORTUGUESA: ALGUMAS QUESTÕES

*José Verdasca dos Santos**

Resumo: Desde o achamento, o Brasil recebeu perto de 6 milhões de imigrantes. A emigração em massa de portugueses para o Brasil deveu-se a razões de ordem sócio-econômica, à ambição e espírito de aventura ou a perseguições políticas. Vieram para as grandes cidades e se dedicaram de modo geral ao comércio e aos serviços.

Palavras-chave: imigração portuguesa, motivos, atividades

GENERALIDADES

Entre o achamento do Brasil (1500) e a independência (1822), os portugueses aportavam à Terra de Vera Cruz na qualidade de colonos, uma vez que se dirigiam, de Portugal, a uma de suas dependências ultramarinas, governada da metrópole. Entretanto, após a independência do Brasil, foi o território aberto à imigração, quando se iniciou um gigantesco movimento migratório, através do qual, aqui chegaram – vindos praticamente de todos os recantos do mundo – perto de *seis milhões de seres humanos*, que acabariam por alterar, radicalmente, as paisagens humana e cultural deste país-continente.

Segundo Balbi, a população brasileira (ao tempo do início da imigração) era, em 1818 – não incluídas as tribos indígenas arredias, não contactadas e/ou ignoradas – estimada em *1.043.000 brancos; 259.000 índios domesticados; 585.000 pardos e pretos libertos; 202.000 escravos de cor e 1.728.000 escravos negros*, totalizando 3.817.000 seres humanos.

Para Roberto Simonsen, setenta anos mais tarde – em 1888 – o Brasil tinha 14.338.914 habitantes, sendo *6.302.198 brancos; 4.638.495 mestiços e 2.097.426 negros, entre estes 700.000 escravos*; de salientar que a estimativa se refere, precisamente, à data da abolição da escravatura, e que, nela, o autor não faz referência à população índia.

Durante os 70 anos que separam os cálculos citados, constatamos que a população de caucásicos cresceu mais de 500% – de pouco mais de um milhão, para seis milhões e trezentos mil – acréscimo devido, principalmente, à imigração de italianos, portugueses, espanhóis, judeus, alemães, austríacos e eslavos. E, como consequência da emigração européia para o Brasil, os europeus, que em 1818 representavam pouco mais de 25% do total de brasileiros, subiram, em 1888, a quase

* Escritor, membro do Conselho das Comunidades Portuguesas.

50%, pouco menos do que o percentual atual, levando em conta a elevada porcentagem de mestiços.

De qualquer modo, a atual população brasileira, teve origem em umas poucas centenas de milhar de índios, em cerca de três milhões e meio de escravos africanos, em entre 150.000 e 200.000 colonos portugueses chegados ao tempo do Brasil português, e em mais de cinco milhões e meio de imigrantes europeus e asiáticos; os primeiros eram nativos das cerca de 250 tribos aqui encontradas; os segundos, oriundos das regiões africanas ao sul do Saara, desde a costa da Guiné ao norte de Moçambique; e, por fim, os cerca de cinco milhões e meio de imigrantes, em que predominaram portugueses (1.800.000) e italianos (1.600.000), além de espanhóis (700.000), alemães e japoneses (250.000 cada), judeus (150.000), russos (100.000) e entre 400.000 e 600.000 naturais da Europa, Ásia e América. A este fato deve a atual população brasileira o de ser multiétnica e pluricultural.

A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA

A emigração em massa de portugueses para o Brasil deveu-se a várias causas, entre as quais avultam:

Razões de ordem sócio-econômica

Até recentemente, a maioria dos casais portugueses tinha muitos filhos, a provocar periódica divisão da propriedade, excesso de população e conseqüente pobreza, o que dificultava a obtenção de alimento para todos, levando, por vezes, à sub-alimentação e à falta de trabalho. Além desses fatores, Portugal foi um dos últimos países da Europa a iniciar a industrialização, o que retardou a criação de novos postos de trabalho, para uma população cada vez mais numerosa.

Além do exposto, e terminada a fase da reconquista – quando, terminado o domínio árabe, se delineou o atual território português – os portugueses voltaram-se para o mar, iniciando a fase dos Descobrimentos, seguida da conquista e domínio de vastos territórios em África, Ásia, América e Oceania, a dar ocupação à maior parte dos homens válidos, recrutados como militares, tripulantes de navios, administradores e colonos; e essa fase, que se prolongou ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, acabou sendo interrompida com a perda da Índia e a independência do Brasil, quando o hábito de emigrar já se encontrava fortemente arraigado, entre toda a população portuguesa, ela mesma descendente de povos oriundos de África, Ásia e Europa.

Deste modo, e logo que o novo governo, não só autorizou, como incentivou a imigração, os portugueses foram um dos primeiros povos a emigrar em grupo, caso das 80 famílias lá recrutadas, pelo senador Vergueiro, e destinadas à sua fazenda Ibicaba, de Limeira.

Ambição e espírito de aventura

Se o ato de emigrar se deveu, em grande parte, a razões sócio-econômicas, e a motivos de natureza cultural, uma boa porcentagem dos portugueses que emigraram – e ainda hoje emigram – para todos os continentes, deveu-se – e deve-se – ao espírito de aventura da juventude lusa, reforçado pela natural ambição, esta estimulada pelos poucos exemplos de emigrantes bem sucedidos, que regressavam às terras de sua naturalidade – normalmente pequenas e modestas aldeias interioresanas – exibindo fortunas, construindo palacetes e fazendo doações.

Desse modo, até mesmo os filhos das mais abastadas famílias locais, se sentiam atraídos pelos países onde seus conterrâneos faziam fortuna, e pelas histórias e aventuras por eles contadas, quando não davam largas à imaginação, sonhando com a famosa “árvore das patacas”.

E, aqui, não posso deixar de apontar o exemplo de meus dois irmãos mais velhos, que, apesar de pertencerem à mais abastada família de uma aldeia, com perto de dois mil habitantes; de lhes ter sido dada a oportunidade de estudar em colégios de cidades próximas; de terem condições de progredir economicamente, proprietários que eram da maior casa comercial, além de vastas propriedades, não hesitaram em emigrar para o Brasil, logo que o maior empecilho à saída – o serviço militar – foi cumprido.

Perseguição política

Logo após a independência do Brasil, e até 1974, em Portugal viveram-se alguns períodos politicamente conturbados, durante os quais, os partidários dos grupos vencidos, se viram obrigados ao exílio, para fugir à perseguição dos vencedores, novos senhores do Poder, normalmente ditatorial. Entre esses períodos, podemos citar aquele que se seguiu às lutas miguelistas, do segundo quartel do século XIX; o compreendido entre 1890 e 1910, quando a elite republicana foi forçada ao expatriamento; após a proclamação da república, em 5 de outubro de 1910, com a perseguição aos monarquistas; e, finalmente, após 1928, e até a Revolução dos Cravos, ao tempo da cruel ditadura salazarista, cujos opositores que não conseguiam escapar, acabavam nas masmorras ou no terrível presídio do Tarrafal (Cabo Verde), quando não eram deportados para África ou Timor, na longínqua Oceania, caso do pai do Prêmio Nobel Ramos Horta.

Se bem que não fossem perseguidos, muitos milhares de jovens – para não prestar serviço militar – ao tempo das mobilizações para Goa, Damão e Diu (Índia), na década de 50, ou da guerrilha em África, na década de 60, emigraram antes da idade limite (18 anos), quando não eram os pais que, acompanhados de todos os filhos, abandonavam definitivamente Portugal.

Deve-se salientar que, apenas em meio século, entre 1884 e 1933, emigraram para o Brasil cerca de *um milhão e cem mil portugueses*, número correspon-

dente a mais ou menos vinte por cento da população total de Portugal, então estimada entre cinco e seis milhões de habitantes.

A VIDA NO PAÍS DE ACOLHIMENTO

Os imigrantes portugueses no Brasil, se bem que disseminados por todo o território, concentraram-se, na esmagadora maioria, nos Estados do Rio de Janeiro (46%) e de São Paulo (44%); e, em todos os lugares onde se fixaram, marcaram presença com a fundação de associações, quer se trate de instituições beneficentes – Beneficências Portuguesas – perto de trinta, espalhadas pelas principais cidades brasileiras, entre as quais a de São Paulo, considerado o maior conjunto hospitalar particular da América Latina; instituições culturais – Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, Gabinete Português de Leitura da Bahia, Gabinete Português de Leitura do Recife – entre outras; associações esportivas, como o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio, ou a Portuguesa de Desportos, de São Paulo, ambas cotadas entre as principais do Brasil; e, por fim, as quase duas centenas de associações sociais e recreativas, como as Casas de Portugal – São Paulo, Rio de Janeiro, São José dos Campos, Fernandópolis – clubes e centros ou casas regionais, como os Centros Trasmontano, do Minho ou Beirão; as Casas de Arouca, de Leiria, dos Poveiros (Póvoa de Varzim), da Madeira, dos Açores, de Macau e muitas outras, quase todas com seus grupos folclóricos, a perpetuar, na Terra de Santa Cruz, a tradicional cultura lusa, e suas microculturas locais, com as suas danças e cantares, a sua gastronomia, e todo um conjunto de hábitos e usanças.

Mas o português (e também a portuguesa), mercê da facilidade oferecida pela língua comum, logo se integrou à sociedade local, pelo que, desde o início, se verificaram uniões com brasileiras e brasileiros, e mesmo com descendentes de outras nacionalidades, quando o cruzamento de sangues, e a fusão de culturas, contribuíram para o enriquecimento das gentes e cultura locais, uma vez que, nas novas famílias luso-brasileiras, se cultivavam hábitos dos países de origem de seus progenitores.

No que concerne às profissões abraçadas pelos imigrantes portugueses, e dado que, a grande maioria era constituída por trabalhadores rurais, portanto sem especialização ou qualificação profissional, que fosse minimamente aproveitada localmente, por serem diferentes as culturas, aconteceu que, em elevada porcentagem, o imigrante português permaneceu nas grandes cidades, como empregado no comércio, nos serviços e na indústria onde, não raro, e com certa rapidez, subiu a comerciante, do ramo onde anteriormente era empregado. Deste modo, e para citar apenas alguns ramos de atividade, encontramos muitos portugueses proprietários de panificadoras, bares, restaurantes e similares, não obstante alguns se tenham dedicado à construção civil, ou mesmo se tornado profissionais liberais nos mais variados ramos de atuação.

CONCLUSÕES

Do exposto podemos concluir:

– Os imigrantes portugueses, cujo número rondou um milhão e oitocentos mil, constituíram o maior contingente recebido pelo Brasil, logo seguidos pelos italianos, cuja cifra atingiu um milhão e seiscentos mil.

– As causas que levaram à emigração cerca de 20% da população portuguesa, do final do século XIX à terceira década do século XX, foram, por ordem de importância, de natureza sócio-econômica, devidas a ambição e espírito de aventura, e motivações de índole político-partidária, provocadas pela perseguição. Entretanto, divergências familiares, fugas à prestação do serviço militar e, por vezes, à justiça local, estiveram na origem de muitas emigrações.

– Os locais de destino da maior parte dos imigrantes lusos, foram as grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Recife e Belém, se bem que o norte do Paraná, e o interior paulista, tenham acolhido significativo número de portugueses.

– Entre os ramos de atividade escolhidos pelos lusitanos, sobressaem o comércio e os serviços, com destaque para panificadoras, bares, restaurantes e serviços afins.

Abstract: Since its founding, Brazil has received close to six million immigrants. The mass immigration from Portugal was due to socio-economic factors, and the ambition and spirit of adventure, and to political persecution. In general, immigrants came to large cities where they worked in business and services.

Keywords: Portuguese immigration, motives of emigration, activities